



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS INGLÊS**

ALINE MARIA TEIXEIRA SILVA

**THE STORY OF AN HOUR SOB A PERSPECTIVA DO MATRIMONIO: O
CASAMENTO COMO APRISIONAMENTO FEMININO NO SÉCULO XIX**

**GUARABIRA
2019**

ALINE MARIA TEIXEIRA SILVA

THE STORY OF AN HOUR SOB A PERSPECTIVA DO MATRIMONIO: O
CASAMENTO COMO APRISIONAMENTO FEMININO NO SÉCULO XIX

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora, no curso de Licenciatura Plena em Letras Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduada em Letras/Inglês.

Área de concentração: Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Willian Sampaio Lima de Sousa

GUARABIRA
2019

ALINE MARIA TEIXEIRA SILVA

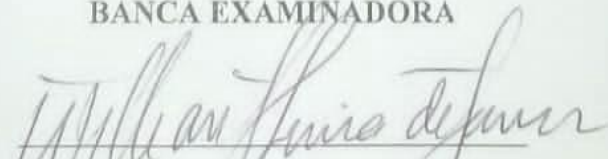
THE STORY OF AN HOUR SOB A PERSPECTIVA DO MATRIMONIO: O
CASAMENTO COMO APRISIONAMENTO FEMININO NO SÉCULO XIX

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora, no curso de Licenciatura Plena em Letras Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduada em Letras/Inglês.

Área de concentração: Literatura.

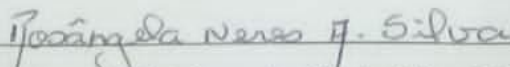
Aprovada em: 27/11/2019.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Willian Sampaio Lima de Sousa (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª. Drª. Rosângela Neres Araújo da Silva (1ª Examinadora)

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)



Prof. Esp. Luzinaldo Alves de Oliveira Júnior (2º Examinador)

Claretiano – Centro Universitário

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586t Silva, Aline Maria Teixeira.
The story of an hour sob a perspectiva do matrimônio [manuscrito] : o casamento como aprisionamento feminino no século XIX / Aline Maria Teixeira Silva. - 2019.
20 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Willian Sampaio Lima de Sousa , Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Autonomia. 2. Gênero. 3. Matrimônio. I. Título
21. ed. CDD 306.81

SUMÁRIO

RESUMO	5
ABSTRACT	5
INTRODUÇÃO	6
1. LEITURA DA BIBLIOGRAFIA CRÍTICA SOBRE O CONTO EM ANÁLISE	7
2. O MATRIMÔNIO E SUAS ESPECIFICIDADES: O PAPEL DO MARIDO E PAPEL DA MULHER	8
2.1 As atribuições dos cônjuges	8
2.2 O casamento nos EUA e em New Orleans	10
3. A VIUVEZ EFÊMERA DE LOUISE MALLARD: A HISTÓRIA DE UMA HORA DE LIBERDADE DA PERSONAGEM	12
CONCLUSÃO	18
REFERÊNCIAS	20

RESUMO

O objetivo deste artigo é fazer uma leitura do conto *The Story of an hour* (1894), escrito pela autora Kate Chopin, para compreender o matrimônio como um aprisionamento no século XIX. Faremos uma análise do comportamento da protagonista Louise Mallard com relação ao matrimônio, de acordo com os fatos vivenciados pela mesma ao longo da narrativa, com base nos textos escolhidos como embasamento teórico para nossa pesquisa. Entre eles encontram-se os seguintes teóricos: Beauvoir (1980), Godoy (2011) e Barbosa e Silveira (2014), tendo em vista que todos eles abordam as questões de gênero dentro do matrimônio no século XIX.

Palavras-chave: Autonomia; Gênero; Matrimônio.

ABSTRACT

The purpose of this article is to read the short story *The Story of an Hour* (1894), written by Kate Chopin, to understand marriage as a nineteenth-century imprisonment, to analyze the behavior of the protagonist Louise Mallard in relation to marriage, according to the facts experienced by the same throughout the narrative based on the texts chosen as the theoretical basis for our research. Among them are following theorists: Beauvoir (1980), Godoy (2011) and Barbosa and Silveira (2014), given that all of them address gender issues within nineteenth-century marriage.

Keywords: Autonomy; Gender; Marriage.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa propõe uma análise do conto “The Story of an hour”, traduzido como: “A História de Uma Hora”, de Kate Chopin (1850-1904). A obra foi publicada no ano de 1894. O conto tem como personagem principal Louise Mallard e fala de suas reações ao saber que seu marido está morto e como ela reage ao descobrir que, na verdade, ele está vivo. Pretendemos realizar uma análise com base nos parâmetros matrimoniais norte-americanos, visando demonstrar os motivos das reações da personagem ao ter conhecimento da morte/não morte do marido.

Com base na temática abordada no conto em análise, delimitamos nossa visão crítica na perspectiva do matrimônio. Tradicionalmente, o casamento é uma união entre um homem e uma mulher realizada pela igreja e/ou autoridades de acordo com os valores, religião e cultura de cada povo. Antigamente, o casamento era arranjado pelos pais: as moças casavam com os rapazes que os pais escolhessem com a finalidade de adquirir melhor status social. Após o matrimônio, homens e mulheres passam a ter direitos e obrigações diferentes, os quais serão explanados no decorrer do texto.

Ao realizarmos a leitura do conto em análise, percebemos de modo explícito – após Louise Mallard ter conhecimento da morte do marido – uma explosão do sentimento de liberdade aprisionado no coração da personagem. De modo primário, podemos conjecturar algumas hipóteses: aversão ao casamento ou casamento como aprisionamento no século XIX.

Mediante a escolha do *corpus* e a delimitação proposta para esta análise, tomamos como base teórica para este estudo as seguintes contribuições teóricas e críticas: Godoy e seu texto intitulado de: *EUA mantêm tabus sobre homossexualismo e aborto* (2011). Neste ensaio, observamos o comportamento de homens e mulheres dentro dos laços matrimônios nos Estados Unidos. As contribuições de Simone de Beauvoir (1980) também serão de suma importância para o nosso estudo. Destacamos o seguinte ensaio: “A mulher casada”. Além dos textos anteriormente citados, o posicionamento de Barbosa e Silveira (2014) em: *Um sopro de poder: relações de gênero e poder no conto A história de uma hora da escritora Kate Chopin*. Acreditamos que esses pressupostos teóricos poderão nos dar um maior esclarecimento sobre o comportamento feminino dentro dos laços matrimoniais.

Esta análise foi concebida através de uma pesquisa bibliográfica por meio de livros e artigos acadêmicos encontrados facilmente em sites especializados na internet. Os textos foram devidamente lidos, fichados e analisados para assim dar início a este trabalho.

Esta pesquisa está estruturada e obedece a seguinte sequência:

- Levantamento da bibliografia crítica referente ao corpus;
- Discussão teórica sobre a temática do casamento;
- Análise crítica do corpus enviesada pela teoria/crítica disponibilizada anteriormente.

1. LEITURA DA BIBLIOGRAFIA CRÍTICA SOBRE O CONTO EM ANÁLISE

Visando mapear algumas questões outrora listadas no conto em análise, iniciamos este estudo realizando uma pesquisa de quais temas já teriam sido estudados e contemplados ao que diz respeito à obra de Kate Chopin. Assim selecionamos três deles para investigarmos o teor de cada proposta. Este é um exercício importante, pois podemos observar aquilo que os autores abordaram anteriormente e assim propor um estudo diferenciado acerca do conto *The Story of an Hour* (1894).

Entre os textos selecionados está o artigo *O Conto The Story of an Hour de Kate Chopin como veículo de transmissão de memória cultural*, de Vivian e Wahlbrinck (2017). A autora, em seu estudo, atenta para como o conto transmite memória cultural em sua simbologia. O estudo sinaliza para o reconhecimento e libertação de mulheres que hoje se vêem aprisionadas pelo casamento assim como a protagonista Louise Mallard no século XIX.

Dando continuidade a esta pesquisa, selecionamos o texto *Literatura, psicanálise e Papéis de Gênero em The Story of an Hour: Uma leitura do conto de Kate Chopin* (2013). Em seu artigo, Natália Wiechmann elabora questionamentos em torno do psicológico da personagem principal e, para isso, realiza uma análise sobre as falas da personagem, o ambiente onde se passa o conto e também levanta questionamentos sobre os papéis de gênero impostos pela sociedade patriarcal.

No artigo *Um sopro de poder: relações de gênero e poder no conto A história de uma hora da escritora Kate Chopin* (2014), Barbosa e Silveira trabalham a relação entre o texto literário e o contexto social de Nova Orleans ao fim do século XIX. Fazem uma análise sobre o conto na ótica da relação de poder e opressão imposta pelo casamento e como essa relação de poder é prejudicial não apenas as mulheres, mas também ao homem.

Após observar os estudos disponibilizados acima, em nossa pesquisa, propomos uma outra interpretação do conto de Chopin, faremos isso através de um levantamento histórico de como funcionava o casamento no século XIX, pois pretendemos entender os motivos/sentimentos que levam Louise Mallard à morte ao ter conhecimento da “não morte” de seu marido.

2. O MATRIMÔNIO E SUAS ESPECIFICIDADES: O PAPEL DO MARIDO E PAPEL DA MULHER

Quando falamos em casamento, a primeira coisa que vem à mente é: a relação matrimonial é uma união estabelecida entre um homem e uma mulher e que, a partir dessa união, surgirá uma família. Dentro dos laços familiares, se faz necessário estabelecer um paralelo entre os casamentos realizados antes e como eles acontecem na atualidade.

Antigamente, como já fora citado, as moças eram dadas em casamentos arranjados pelos pais para adquirir melhor status social, para manter os interesses sociais e econômicos de suas famílias. Este padrão matrimonial pode/poderia gerar uma atitude negativa e problemática no seio dessa nova família. Essa explicação é plausível e importante; na maioria dos casos, a moça não era consultada sobre as intenções paternas. O casamento era um negócio.

Atualmente, quando pesquisamos sobre casamento em artigos relacionados à temática em questão, a resposta que obtemos é: o casamento é um contrato assinado por duas pessoas (não mais referindo-se a homem e mulher, tendo em vista que alguns países legalizaram o casamento entre pessoas do mesmo gênero) com intuito de legitimar o relacionamento afetivo entre si, formar uma família e ter estabilidade social e financeira. Esta descrição destoa do modelo matrimonial antigo.

A terminologia “homem e mulher” será uma das múltiplas possibilidades de relação matrimonial. Observamos que não há mais uma imposição familiar na escolha do cônjuge. Entretanto, o matrimônio permanece sob o viés contratual. Duas instituições continuam atreladas ao rito do casamento, são elas: a religião e o Estado. O contrato religioso estabelece um padrão espiritual para a relação entre os cônjuges e o Estado resguardará os direitos e deveres do casal, cujo matrimônio seja realizado na esfera civil.

2.1 As atribuições dos cônjuges

Ao abordar o matrimônio como contrato social estabelecido entre duas partes, sabemos como são definidas as tarefas para homens e para mulheres no que diz respeito à vida conjugal. A sociedade sempre respeitou a individualidade dos homens e sempre lhes foi permitido decidir sobre o rumo de suas vidas; porém, essa mesma sociedade também lhes cobrava a realização do casamento. Beauvoir deixa nítido como funcionava a sociedade nesse quesito.

Socialmente, o homem é um indivíduo autônomo e completo; êle é encarado antes de tudo como produtor e sua existência justifica-se pelo trabalho que fornece a coletividade. (...) o indivíduo almeja uma vida sexual estável, deseja uma posteridade e a sociedade exige dele que contribua para perpetua-la. Mas não é à mulher ela própria que o homem dirige um apelo: é a sociedade dos homens que permite a cada um de seus membros realizar-se como esposo e como pai (1980, p. 166).

No casamento, de acordo com aquilo que é descrito por Beauvoir, o homem casado conserva certa autonomia dentro do contrato matrimonial, ou seja, ele assume um protagonismo relevante em detrimento do papel da mulher. A autora indica que suas atribuições estão relacionadas ao espaço externo, “êle é encarado antes de tudo como produtor e sua existência justifica-se pelo trabalho que fornece a coletividade”. Mediante esta explicação, a construção histórica do “marido” está relacionada ao trabalho, uma vida sexual estável e a constituição de uma posteridade.

Enquanto o homem tem autonomia sobre sua vida e suas escolhas, a mulher sempre está em posição de desvantagem, a ela nem o direito de escolher o marido fora dado “mas não é à mulher ela própria que o homem dirige um apelo: é a sociedade dos homens que permite a cada um dos seus membros realizar-se como esposo e como pai”, pois eram os pais e/ou irmãos quem tomavam a decisão de com quem as moças casariam.

A construção histórica do “marido” destoa significativamente das funções relacionadas às mulheres, essas não tinham direito a escolha, a elas restava exclusivamente o casamento e a maternidade, Beauvoir (1980, p. 166-7):

Vimos por que razões o papel de reprodutora e domestica em que se confinou a mulher não lhe assegurou igual dignidade. (...) integrada como escrava ou vassala nos grupos familiares dominados por pais e irmãos, a mulher sempre foi dada em casamento a certos homens por outros homens. (...) A liberdade de escolha da jovem sempre foi muito restrita; e o celibato – salvo em casos excepcionais em que se reveste de caráter sagrado – abaixa-a a nível de parasita ou paria; o casamento é seu ganha-pão e a única justificação social de sua existência.

Enquanto o homem está relacionado ao externo, a mulher é descrita como personagem do meio interno ou do lar. Essa situação, um ser subjugado, permanecia mesmo após o casamento, aos homens era separado o dever de sustentar financeiramente a casa, a esposa e os filhos, e às mulheres era imposto as tarefas domésticas, o cuidado com os filhos e a submissão e satisfação do marido. Essa situação humilhante e desigual tem sido desconstruída e modificada com o passar do tempo, através da luta feminista por igualdade entre os gêneros. Mediante a divisão observada anteriormente sobre o papel do marido e esposa dentro dos laços matrimoniais, podemos vislumbrar hipoteticamente que a personagem Louise Mallard sofre de modo silencioso os traumas dessa divisão imposta pela sociedade. Muitas mulheres

sofreram as agruras desse modelo matrimonial e possivelmente, “A história de uma hora”, seja uma *mimese*¹ dessa vertente de casamentos.

Com o passar do tempo, essas funções sedimentadas ou convencionais foram cedendo espaço para uma nova configuração histórica e legal referente ao casamento. Beauvoir (1980, p. 165) descreve que:

(...) este vem-se tornando uma união livremente consentida por duas individualidades autônomas; as obrigações dos cônjuges são recíprocas e pessoais; o adultério é para as duas partes uma denúncia do contrato; o divórcio pode ser obtido por uma ou outra das partes em idênticas condições. A mulher não se acha mais confinada na sua função reprodutora: esta perdeu em grande parte seu caráter de servidão natural, apresenta-se como um encargo voluntariamente assumido; e é assimilado a um trabalho produtivo porquanto, em muitos casos, o tempo de descanso exigido pela gravidez deve ser pago a mãe pelo estado ou pelo empregador.

Segundo Beauvoir, na atualidade, o matrimônio é uma relação entre iguais. Qualquer aplicação da lei é válida para qualquer um dos cônjuges. Desse modo, os pedidos de casamento são feitos diretamente as mulheres, elas podem consentir ou não, assim como o papel da maternidade passa a ser escolha da mulher. Mesmo com todos esses desenvolvimentos legais e estruturais, observamos que a estrutura do matrimônio permanece a mesma para maior parte da população, existe certa igualdade de direitos e afazeres na teoria; mas, na prática, observamos uma conduta ou permanência de hábitos retrógrados na constituição matrimonial de muitos casais: a mulher na restrição do lar e a prevalência do estigma da maternidade e o homem na obrigação laboral de manter a família.

2.2 O casamento nos EUA e em New Orleans

Exatamente como em qualquer cultura, o casamento nos EUA representava segurança dos costumes e interesses familiares. Ainda é visto como meio de transmissão de valores. Ao longo do estudo ao que diz respeito ao matrimônio, tomamos conhecimento através do texto de Godoy (2011, s/p) que existem dois tipos de casamento estadunidense:

(wedlock): o convencional (público e oficial) e a mera habitação conjunta (common lawmarriage). A idade nupcial varia de dezesseis a dezoito anos, dependendo da legislação estadual. Os interessados devem requerer licença a notário municipal (country clerk) e esperam três dias para deferimento do pedido. (...)

A estruturação matrimonial americana é parecida com o casamento no Brasil. Existem casamentos civis, sendo estes com contratos reconhecidos juridicamente que oferecem

¹ Na arte literária, a imitação ou a representação da realidade. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=mimese>>. Acesso em 29 de novembro de 2019.

direitos e deveres assegurados, ou seja, oficiais, e existem também os casamentos “não oficiais” que são aqueles sem o contrato, os quais os casais passam apenas a viver juntos sem respaldo jurídico, como afirma Godoy (2011, s/p) sobre o *common law marriage* “Há estados que não reconhecem originariamente esses casamentos de fato”.

Podemos dizer com base nos textos lidos que a estrutura do casamento norte-americano é construída, como já citamos, de um modo que o homem é o chefe da família e a mulher é a submissa, que cuida dos filhos e do lar, sempre em desvantagem em relação ao marido a quem ela tinha de pedir autorização para tudo. Essa situação, que ao nosso ver é desumana e deplorável, a entendemos como uma construção histórica, só melhora no século XX. Segundo Godoy (2011, s/p), “A partir de 1900 a situação passa ser menos aflitiva, na medida em que estados adotaram os chamados regulamentos de propriedades de mulheres casadas”. Isso se deu à medida que a mulher já possuía direito ao mercado de trabalho, caso fosse escolha ou necessidade dela. A mulher também já possuía direitos sobre sua vida, caso após o casamento ela se encontrasse em estado de viuvez. Segundo Barbosa e Silveira (2014, p. 50):

No que concerne a relação matrimonial, tradicionalmente quem possui o poder é o masculino, sendo o feminino a ele submetido. A viuvez inverte esse papel, e o poder muda de mãos, passando para as mãos femininas, uma vez que a viúva, na sociedade ocidental do final do século XIX, não era obrigada a casar-se novamente, podendo permanecer sozinha e dona de sua própria vida, de seu corpo e de sua sexualidade.

Diante da perspectiva acima mencionada, autonomia feminina é alcançada de duas formas: a libertação do pertencer ao pai e aos irmãos (proveniente do casamento) e a libertação do pertencer ao marido (no momento em que se encontra viúva). É somente neste momento que a mulher passa a ter autonomia sobre si.

Observamos alguns avanços na legislação referente ao casamento, mas um destaque importante diz respeito à viuvez; pois, após a morte do marido, a viúva “não era obrigada a casar-se novamente, podendo permanecer sozinha e dona de sua própria vida, de seu corpo e de sua sexualidade”. Outro fator de destaque referente ao conto em análise, observamos a personagem Louise feliz ao saber da morte do marido, possivelmente ela vislumbra a liberdade almejada. No momento analítico, aprofundaremos essa discussão com menções diretas da obra em análise.

3. A VIUVEZ EFÊMERA² DE LOUISE MALLARD: A HISTÓRIA DE UMA HORA DE LIBERDADE DA PERSONAGEM

A partir dos dados levantados sobre o matrimônio, analisaremos o conto em questão para que possamos entender as reações de Louise ao saber da morte/não morte de seu esposo. Por meio dos esclarecimentos observados nos textos críticos e teóricos, podemos aplicar os conhecimentos adquiridos no conto de Kate Chopin e observarmos o comportamento da personagem Louise Mallard.

O conto nos dá implicitamente alguns indícios de que a protagonista vivia um daqueles casamentos em que os cônjuges haviam se unido com a finalidade de adquirir melhor status social, preservar a moral e costumes de suas famílias, algo possível na sociedade em que a protagonista está inserida. Com base em nossa visão diacrônica do casamento, os matrimônios realizados no século XIX não visam oficializar um relacionamento afetivo como acontece na atualidade, eles estão relacionados à temática do negócio.

A autora nos permite visualizar que o casamento dos Mallard era estruturado exatamente como nos padrões do século XIX, no qual o homem tinha o dever de manter a casa, a esposa e os filhos. A mulher, como descrito anteriormente, tinha o dever de cuidar do lar e submeter-se ao marido, e isso fica subentendido quando depois de receber a notícia do falecimento de seu marido a Sra. Mallard foi ao seu quarto e percebeu que não precisaria mais cumprir suas funções como esposa, Chopin (1894, p. 2):

She knew that she would weep again when she saw the kind, tender hands folded in death; the face that had never looked save with love upon her, fixed and gray and dead. But she saw beyond that bitter moment a long procession of years to come that would belong to her absolutely.³

Esta citação pode ser dívida em duas perspectivas: a dor da perda e a liberdade da viuvez. Em seu momento de introspecção, sozinha e dentro de seu quarto, Louise pensa sobre o momento do velório e sepultamento do marido. Após esse instante, observamos o sentimento de libertação. A protagonista percebe que viveria seus próximos anos de vida sem o peso do matrimônio, sem as obrigações de cuidar do marido e da casa, ela poderia viver apenas para si mesma (*years to come that would be long to her absolutely*). Como já vimos

² Que é temporário; passageiro, transitório. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=o7e7>>. Acesso em 29 de novembro de 2019.

³ Ela sabia que choraria novamente quando visse as mãos gentis e delicadas cruzadas na morte; quando visse o rosto – outrora amoroso – rígido, cinza e morto. Mas ela viu além daquele momento amargo uma longa procissão dos próximos anos que pertenceria absolutamente a ela. (CHOPIN, 1894, tradução nossa).

em nosso estudo, no que diz respeito às mulheres, a viuvez é a segunda possibilidade de libertação do vínculo do homem. Outro fator importante é descrito por Beauvoir (1980, p. 167): “o casamento é seu ganha-pão e a única justificação social de sua existência”. Possivelmente, Louise está casada visando o propósito da autonomia, uma autonomia parcial. Destacamos as limitações proporcionadas pelo laço matrimonial: a mulher não tinha direito ao externo, executavam atividades domésticas e os cuidados com os filhos e marido. Não seria diferente com Louise, ela deveria ter tanto para cuidar que acabava não realizando seus desejos pessoais e agora que seu marido havia falecido ela poderia viver tudo o que não pôde enquanto o marido estava vivo.

A autora retoma, em alguns momentos, o sentimento de Louise com relação ao seu esposo e seu relacionamento, é possível identificar que ela não havia se casado com Brently por amor. Observemos a seguinte menção: “And yet she had loved him – sometimes. Often she had not. What did it matter!”⁴ (CHOPIN, 1894, p. 2). O uso de dois advérbios de frequência é destacável na citação em análise. O casamento de Louise está estruturado em um momento histórico que remonta o matrimônio como negócio. Entretanto, “algumas vezes” ela o amou; mas, em oposição ao “*sometimes*”, temos o *often* (frequentemente) que implica uma ideia oposta. Mediante essa ambiguidade, isso não a importava mais, ele estava morto. A personagem se encontrava agora em um momento de reflexão sobre o que ela tivera vivido e o que viveria a partir daquele momento.

Em um processo de reflexão da personagem, enquanto o marido ainda está vivo, evidencia um sentimento negativo referente à vida dentro do matrimônio. Destaquemos o momento em que Louise ora para que sua vida seja longa e lembra do momento em que tinha medo de que isso acontecesse. O narrador descreve que: “she breathed a quick prayer that life might be long. It was only yesterday she had thought with a shudder that life might be long” (CHOPIN, 1894, p. 2)⁵. A liberdade da viuvez implica, nesse instante, uma vida longa. Mas, ainda ontem, a vida longa seria um calafrio (shudder). Louise, possivelmente, se encontrava em um relacionamento o qual não escolhera viver, ela não amava aquele homem com quem estava casada.

Após uma visão histórica do casamento, conhecemos um pouco da vivência conjugal das mulheres no século XIX, ou seja, ao contrário dos homens, elas não tinham autonomia

⁴ “E, no entanto, ela o amava - algumas vezes. Frequentemente não o amava. O que isso importa!” (CHOPIN, 1894, p. 2, tradução nossa).

⁵ “Ela murmurou uma rápida oração pedindo que a vida fosse longa. E pensar que ontem mesmo havia percebido com um calafrio que a vida poderia ser longa.” (CHOPIN, 1894, p. 2, tradução nossa).

nenhuma sobre suas vidas, as mesmas viviam sob os cuidados dos pais e irmãos e eram submissas a eles até que fossem dadas em casamento. Após o matrimônio, essas mulheres viveriam sob o poder do marido a quem deveriam submeter-se, mas essa situação poderia mudar caso a mulher passasse a ser viúva. Como foi descrito por Barbosa e Silveira (2014, p. 50) e retomamos esse pensamento:

A viuvez inverte esse papel, e o poder muda de mãos, passando para as mãos femininas, uma vez que a viúva, na sociedade ocidental do final do século XIX, não era obrigada a casar-se novamente, podendo permanecer sozinha e dona de sua própria vida, de seu corpo e de sua sexualidade.

A citação acima tem uma relação significativa como o enredo em estudo nesta análise. Ao descobrir sobre a morte do marido, Louise teria autonomia sobre si, tomaria finalmente as rédeas da sua própria vida, seria livre. Deveria estar feliz com tamanha benção, mas como poderia se não conhecia a liberdade? E como nunca tivera sido livre antes para decidir o que faria em sua vida, ela sentiu-se assustada, amedrontada com aquele novo e grandioso sentimento. Chopin (1894, p. 2) cita:

There was something coming to her and she was waiting for it, fearfully. What was it? She did not know; (...) But she felt it, creeping out of the sky, reaching toward her through the sounds, the scents, the color that filled the air. (...) “She was beginning to recognize this thing that was approaching to possess her, and she was striving to beat it back with her will”.⁶

Até certo momento, ela lutou contra o que sentia, o máximo que pôde, mas não resistiria a tamanha felicidade, não resistiria ao fato de que poderia viver sua vida independente de outrem, sem ser submissa a alguém, foi apenas quando começou a pensar em si mesma, nos anos que seriam exclusivos dela, que Louise cedeu e tomou posse de sua liberdade. Observemos a descrição do narrador.

When she abandoned herself a little whispered word escaped her slightly parted lips. She said it over and over under her breath: "free, free, free!" The vacant stare and the look of terror that had followed it went from her eyes. They stayed keen and bright. Her pulses beat fast, and the coursing blood warmed and relaxed every inch of her body (CHOPIN, 1894, p. 2).⁷

⁶ Havia algo vindo em sua direção e ela estava esperando por isso, com medo. O que era isso? Ela não sabia; (...) Mas ela sentiu isso, vindo do céu, alcançando-a através dos sons, dos aromas, da cor que enchia o ar. (...) “Ela estava começando a reconhecer aquela coisa que se aproximava para possuí-la, e lutava para afastá-la com a força de sua vontade”. (CHOPIN, 1894, p. 2, tradução nossa).

⁷ Quando abandonou a si mesma, uma pequena palavra saiu de seus lábios como um rápido sussurro. E ela repetiu secretamente: “livre, livre, livre!” O olhar vago e de terror fugiram de seus olhos. Eles ficaram alertas e brilhantes. (CHOPIN, 1894, p. 2, tradução nossa).

Apesar de seu receio por se sentir livre, num momento em que todos a sua volta (inclusive ela) esperavam que a mesma estivesse triste e sofrendo pela morte do Sr. Mallard, ela relaxou e, por fim, entendeu que agora seria sua vez de viver a autonomia: “she suddenly recognized as the strongest impulse of her being! ‘Free! Body and soul free!’ she kept whispering”⁸ (CHOPIN, 1894, p. 2). Depois de muito pensar e organizar seus sentimentos, a Sra. Mallard aceitou seu momento, sua liberdade e se recompôs, não haveria mais ninguém a quem pedir permissão, ela se permitiria viver o que tivesse vontade, a viuvez a permitiria, seria a única que teria poder sobre sua vida, suas vontades, sobre seu corpo e sexualidade.

Este momento de felicidade evoca um efeito irônico, pois todos acreditam que Louise está profundamente triste com a perda do esposo. Se faz necessário observar esta estruturação do enredo. Ao ler o conto, podemos perceber que há uma certa ironia sobre a vida da personagem Louise Mallard, mas isso só é explícito aos leitores no momento de isolamento da protagonista em relação aos outros personagens. Separada dos demais personagens, estes não tem noção alguma do que verdadeiramente se passa com a mesma dentro do quarto. A preocupação com Louise é destacável, pois ela sofre com problemas cardíacos. A ironia aparece algumas vezes, analisaremos inicialmente a partir da reação da Sra. Mallard, no momento em que ela recebe a notícia da fatalidade que teria acontecido com seu marido. O narrador assim descreve a cena.

She wept at once, with sudden, wild abandonment, in her sister's arms. When the storm of grief had spent itself she went away to her room alone. She would have no one follow her (CHOPIN, 1894, p. 1).⁹

Observamos um desespero primário: Louise tem conhecimento do falecimento do marido, ou seja, tinha acabado de perder a pessoa com quem ela tinha uma vida, hipoteticamente, na visão do leitor, deveriam ter muitos planos. O sofrimento demonstrado pela protagonista é enxergado pela sua irmã e o amigo. Quando Louise consegue se acalmar, vai sozinha para seu quarto. Neste espaço, apenas os leitores têm acesso ao que ela pensa, faz e fala. Vejamos o trecho em destaque.

Josephine was kneeling before the closed door with her lips to the keyhole, imploring for admission. "Louise, open the door! I beg; open the door—you will make yourself ill. What are you doing, Louise? For heaven's sake open the door. Go

⁸ “De repente, ela reconheceu como o impulso mais forte de sua existência. ‘Livre! Corpo e alma livres!’ Continuou sussurrando.” (CHOPIN, 1894, p. 2, tradução nossa).

⁹ Ela chorou ao mesmo tempo, com repentino abandono, nos braços de sua irmã. Quando o turbilhão de emoções se esgotou, ela foi para o seu quarto sozinha. Não queria que ninguém a seguisse. (CHOPIN, 1894, p. 1, tradução nossa).

away. I am not making myself ill." No; she was drinking in a very elixir of life through that open window. Her fancy was running riot along those days ahead of her. Spring days, and summer days, and all sorts of days that would be her own (CHOPIN, 1894, p. 2).¹⁰

É nítida a preocupação de Josephine com sua irmã, afinal, ela acabara de saber que havia perdido o marido, quem estaria com ela a partir dali? Quem cuidaria dela? O que Josephine não sabe, devido ao fato de estar na parte externa do quarto, é o real sentimento de sua irmã; Louise está feliz. Essa ambiguidade estrutural enriquece artisticamente o texto literário e a informação sobre os dois ângulos possíveis (tristeza vs. alegria) é unicamente vista pelo leitor. Nós podemos ver a euforia de Louise, os outros personagens estão descontextualizados dos reais sentimentos da protagonista.

Há outro momento de ironia no conto, este ocorre e “quebra” a expectativa vivida pela protagonista sobre “seus próximos anos”, aqueles que seriam de completa autonomia e liberdade. O narrador demonstra o contentamento da personagem, a Sra. Mallard se acostuma com a ideia de sua viuvez, de sua liberdade. Contudo, um fato inesperado acontece: o marido de Louise não está morto. O narrador aponta o reencontro do casal da seguinte maneira:

She arose at length and opened the door to her sister's importunities. There was a feverish triumph in her eyes, and she carried herself unwittingly like a goddess of Victory. She clasped her sister's waist, and together they descended the stairs. Richards stood waiting for them at the bottom. (...) Some one was opening the front door with a latchkey. It was Brently Mallard who entered, a little travel-stained, composedly carrying his grip-sack and umbrella. He had been far from the scene of the accident (...) (CHOPIN, 1894, p. 3).¹¹

A Sra. Mallard atende aos chamados de sua irmã, sai do quarto se sentindo segura de sua independência, elas vão juntas ao encontro do amigo dos Mallard que as esperava no fim da escada, é quando os três escutam a porta ser aberta e se deparam com o Sr. Mallard, vivo, acabando com as expectativas de anos de liberdade que a protagonista pensava que teria dali pra frente.

A narrativa cria uma expectativa significativa na perspectiva do leitor e da liberdade da protagonista. É possível estabelecer dois parâmetros referentes aos seguintes conceitos: felicidade e tristeza. Ao saber da morte do marido, Louise apresenta um estado primário de

¹⁰ Josephine estava ajoelhada diante da porta fechada com os lábios no buraco da fechadura, implorando por admissão. - Louise, abra a porta! Eu imploro; abra a porta - você ficará doente. O que está fazendo, Louise? Pelo amor de Deus, abra a porta. Vá embora. Eu não estou adoecendo. Não; ela estava bebendo do elixir da vida através daquela janela aberta. A fantasia dela era tumultuada ao longo daqueles dias à sua frente. Dias de primavera e verão e todos os tipos de dias que seriam todos dela. (CHOPIN, 1894, p. 2, tradução nossa).

¹¹ Finalmente, ela se levantou e abriu a porta para as importunações de sua irmã. Havia um triunfo febril em seus olhos, e ela se portava involuntariamente como uma deusa da vitória. Ela apertou a cintura da irmã e juntos desceram as escadas. Richards estava esperando por elas no fim da escada. (...) Um barulho de chave girando na fechadura. Alguém abria a porta da frente. Foi Brently Mallard, um pouco manchado de viagem, carregando o saco e o guarda-chuva. Ele estava longe da cena do acidente (...).(CHOPIN, 1894, p. 3, tradução nossa).

tristeza (perda do marido) e felicidade (liberdade como mulher). Sua irmã e o amigo detêm um único sentimento, ou seja, o pesar. Ao saber que o marido está vivo, a protagonista anula o estado de felicidade (os laços matrimoniais estão reatados, a personagem volta à uma vida subjugada) e a tristeza (o marido está vivo). A irmã e o amigo restauram a alegria. Essas possíveis peripécias estruturais ressaltam o caráter artístico da obra, pois em um curto espaço temporal, uma série de reviravoltas está espalhada no enredo do conto.

Ao descobrir que o marido está vivo, todo um momento de vida nova desaparece da vida da protagonista. O pensamento de Barbosa e Silveira (2014) é aproveitável novamente neste trecho do conto. A liberdade almejada com a viuvez é dissipada em um curto espaço de tempo, pois a submissão ao poder masculino está de volta. Ao encontrar-se no estado de viuvez, Louise estaria livre de seus afazeres como esposa. O narrador descreve os pensamentos da protagonista.

There would be no one to live for her during those coming years; she would live for herself. There would be no powerful will bending hers in that blind persistence with which men and women believe they have a right to impose a private will upon a fellow-creature (CHOPIN, 1894, p.2).¹²

Ela se encontrava feliz, crente de que viveria os próximos e melhores anos inteiramente para ela mesma. Entretanto, este estado de euforia dura um curto espaço de tempo. Todo o padrão matrimonial e suas especificidades voltam a fazer parte da vida de Louise Mallard. Brently Mallard estava longe do local do suposto acidente. O narrador descreve o episódio da seguinte forma.

She clasped her sister's waist, and together they descended the stairs. (...) Some one was opening the front door with a latchkey. It was Brently Mallard (...) He had been far from the scene of the accident, and did not even know there had been one (CHOPIN, 1894, p. 3).¹³

Nesse exato momento, toda expectativa que fora criada pela Sra. Mallard tem fim, ela volta à posição de esposa, perdendo novamente sua autonomia, ela volta a viver sob o poder do marido, teria de enfrentar o peso do matrimônio novamente, volta a submeter-se as vontades do Sr. Mallard como tivera sido desde o momento em que tinha se tornado esposa dele.

¹² Não haveria ninguém para viver por ela os próximos anos; ela viveria para si mesma. Não teria que se curvar diante de um poder maior do que o seu, naquele jogo cego com o qual homens e mulheres acreditam que têm o direito de impor suas vontades a uma outra pessoa. (CHOPIN, 1894, p.2, tradução nossa).

¹³ Ela apertou a cintura da irmã e juntas desceram as escadas (...) Alguém abria a porta da frente. Foi Brently Mallard (...) Ele estava longe da cena do acidente e nem sabia que havia um. (CHOPIN, 1894, p. 3, tradução nossa).

Ao descobrir que o marido não havia falecido, uma nova peripécia ocorre no enredo do conto: Louise Mallard morre ao ver o marido. Alguns pontos devem ser analisados. Louise sofre de problemas cardíacos. No início do conto, podemos observar essa característica da personagem. Sua irmã tem todo o cuidado em dar a notícia do falecimento de Brently. Como descrito anteriormente, aqueles que estão fora do quarto temem o estado de saúde da Sra. Mallard. Mas, os leitores sabem tudo aquilo que se passa no interior da personagem. A volta do marido desponta como o regresso da “maldição matrimonial”. Lembremos que Louise pondera sobre ver o marido na urna funerária, mas seu pensamento logo se volta para a vida livre. A ruptura repentina desse paradigma mata Louise.

A morte da protagonista impõe uma nova ironia interna aos personagens do conto. A irmã e o amigo de Louise, hipoteticamente, irão pensar que a causa de sua morte foi a felicidade em rever o marido. Contudo, sua morte está relacionada ao sonho de liberdade que foi arrancado de modo inesperado e o peso das regras matrimoniais observadas no século XIX.

CONCLUSÃO

De acordo com as discussões feitas acerca do conto de Kate Chopin, com base no levantamento histórico de dados a respeito do matrimônio no século XIX, podemos analisar e compreender as reações da protagonista Louise Mallard ao saber da morte/não morte de seu marido. Podemos perceber que o casamento dos Mallard era estruturado de acordo com os parâmetros matrimoniais da época, em que o homem sustentava a casa e a família e a mulher era quem cumpria as tarefas domésticas e o cuidado com marido e filhos.

Devemos nos lembrar que segundo Beauvoir, “socialmente, o homem é um indivíduo autônomo e completo; êle é encarado antes de tudo como produtor e sua existência justifica-se pelo trabalho que fornece a coletividade”, portanto, ele não precisava se casar para legitimar sua existência e sua autonomia, enquanto a sociedade patriarcal impunha para as mulheres que “o casamento é seu ganha-pão e a única justificação social de sua existência”. Sendo assim, o casamento era a única opção de vida digna para as mulheres. Podemos supor a partir dessa afirmação que Louise era casada não por amor, mas a fim de justificar sua existência e tornar-se um indivíduo autônomo. Segundo o que diz Barbosa e Silveira, a situação da mulher só melhoraria caso ela se tornasse viúva “uma vez que a viúva, na sociedade ocidental do final do século XIX, não era obrigada a casar-se novamente, podendo permanecer sozinha e dona de sua própria vida, de seu corpo e de sua sexualidade”, tornando-se um ser autônomo e livre.

Partindo do princípio que se vivia numa sociedade machista, ao saber da morte do esposo, Louise, mesmo não sendo casada por amor, entristeceu-se com a morte do companheiro, pois agora já não teria quem a protegesse e cuidasse de suas finanças; porém, ao perceber que se tornando viúva teria liberdade, encheu-se de eufórica alegria, pois agora seria livre. Ao constatar a não morte de Brently Mallard, a protagonista enfartou. Não sabendo o que se passava no íntimo de Louise, a família acreditava cegamente que a mesma enfartara de alegria ao constatar a não morte de seu esposo, no entanto, no conto mostra claramente ao leitor que: a *causa-mortis* da mesma foi exatamente o desgosto por ter por tão pouco tempo a liberdade almejada em suas mãos.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Maria do Socorro Baptista. SILVEIRA, Thiago Coelho. Um sopro de poder: relações de gênero e poder no conto A história de uma hora da escritora Kate Chopin. **Letras em Revista**, Teresina, V. 05, n. 01, jan./-jun, 2014.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**: a experiência vivida. Tradução de Sérgio Milliet. 2ª ed. Rio de Janeiro: Difusão Européia do Livro, 1970.
- CHOPIN, Kate. “The Story of an hour” (1984). In: **The Awakening and Other Stories**. Oxford: Oxford University Press, 2000, p. 259-261.
- EFÊMERO. *In*: Michaelis On-line. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=07e7>>. Acesso em 29 de novembro de 2019.
- GODOY, Arnaldo Sampaio de Moraes. EUA mantêm tabus sobre homossexualismo e aborto. Postado em 16/05/2011. Disponível em: <<https://arpen-sp.jusbrasil.com.br/noticias/2687053/artigo-eua-mantem-tabus-sobre-homossexualismo-e-aborto-por-arnaldo-sampaio-de-moraes-godoy>>. Acesso em: 12 nov. 2019.
- MIMESE. *In*: Michaelis On-line. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=mimese>>. Acesso em 29 de novembro de 2019.
- VIVIAN, Ilse Maria da Rosa; WAHLBRINCK, Talita François. O conto The story of an hour de Kate Chopin como veículo de transmissão de memória cultural. **Literatura em debate**. v. 11, n. 20, jan./jun. 2017, p. 115-127.
- WIECHMANN, Natalia Helena. Literatura, psicanálise e papéis de gênero em “the story of an hour”: uma leitura no conto de Kate Chopin. **Revista escrita**. n. 17, 2013, p. 225-238.